

FORMATURAS ADIADAS POR TEMPO INDETERMINADO: NARRATIVAS DE POSSÍVEIS FORMANDOS DA UFV-CAF

■ PATRÍCIA CLAUDIA DA COSTA

<https://orcid.org/0000-0002-2505-2988>

Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

Este artigo examina um conjunto de narrativas de estudantes universitários cujas vidas foram afetadas pela suspensão das atividades acadêmicas, provocada pela pandemia de COVID-19. Esses estudantes são possíveis formandos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) *Campus* Florestal (CAF) e suas narrativas revelam como construíram a percepção de que a conclusão do curso se daria num futuro incerto. Ante a estagnação de seus planos, os entrevistados revelaram as experiências inéditas e os consequentes aprendizados que um contexto de tantas incertezas e tensões tem proporcionado. Trata-se de uma análise de narrativas autobiográficas sobre o contexto de adiamento da conclusão de cursos de licenciatura e os impactos biográficos daí decorrentes, ou seja, uma análise de como os estudantes estão subjetivando este desfecho tão inesperado, o qual repercute não só na sua formação presente como na escolha do futuro profissional. Conclui que a maioria dos entrevistados almeja seguir carreira acadêmica e que o adiamento da formatura não alterou os planos, embora o tempo liberado pela suspensão das aulas tenha propiciado a reflexão sobre seus projetos de vida e interesses, de modo a amadurecer e consolidar escolhas cruciais para seus destinos formativos e profissionais.

Palavras-chave: Trajetória de formação. Perspectivas profissionais. Licenciatura.

ABSTRACT

GRADUATIONS POSTPONED FOR AN INDEFINITELY PERIOD: NARRATIVES BY UFV-CAF SENIORS

This article examines a set of narratives of university students whose lives have been affected by the suspension of academic activities, caused by the COVID-19 pandemic. These students are seniors in UFV *Campus* Florestal and their narratives reveal how they built a perception that the conclusion of their major would take place in an uncer-

tain future. Faced with the stagnation of their plans, the interviewees revealed the unprecedented experiences and the consequent learnings provided by a context of so many uncertainties and tensions. This paper is an analysis of autobiographical narratives about the context of the completion of undergraduate majors postponement and the resulting biographical impacts, in other words, it is an analysis of how students are subjectivating this unexpected outcome, which affects not only their current education but also their future professional choices. This paper concluded that most interviewed want to pursue an academic career and that this graduation postponement did not alter their plans. Although, the free time while the classes were suspended has provided a reflection on their life projects and interests, in order to mature and consolidate crucial choices for their formative and professional destinies.

Keywords: Formative trajectory. Professional prospects. Degree.

RESUMEN

GRADUACIONES POSPUESTAS INDEFINIDAMENTE: NARRACIONES DE POSIBLES GRADUADOS DE LA UFV-CAF

Este artículo examina un conjunto de narraciones de estudiantes universitarios cuyas vidas se vieron afectadas por la suspensión de las actividades académicas, causada por la pandemia de COVID-19. Estos estudiantes serían “posibles graduados” de la UFV Campus Florestal y sus narraciones revelan cómo construyeron la percepción de que la conclusión del curso tendría lugar en un futuro incierto. Ante el es-tancamiento de sus planes, los entrevistados revelaron las experiencias sin precedentes y el consiguiente aprendizaje que ha proporcionado un contexto de tantas incertidumbres y tensiones. Este texto es un análisis de narraciones autobiográficas sobre el contexto de posponer la finalización de las titulaciones y los impactos biográficos resultantes, es decir, un análisis de cómo los estudiantes están subjetivando este resultado inesperado, que afecta no solo a su formación actual pero también en la elección del futuro profesional. Concluye que la mayoría de los entrevistados apuntan a seguir una carrera académica y que el aplazamiento de la graduación no cambió sus planes, aunque el tiempo liberado por la suspensión de las clases ha llevado a la reflexión sobre sus proyectos de vida e intereses, a fin de madurar y consolidar opciones cruciales para sus destinos profesionales y en las graduaciones.

Palabras clave: Trayectoria formativa. Perspectivas profesionales. Titulación.

Introdução

As formaturas são ritos de passagem que tornam pública a mudança da condição de aprendiz para a de profissional. São ritos complexos, que duram vários dias e integram diversos simbolismos do término de uma jornada de aluno e do reconhecimento público, institucionalmente legitimado, da aptidão para ocupar um espaço num determinado campo profissional. A complexidade desses ritos faz com que eles sejam divididos em diversas partes, sendo algumas básicas e outras complementares¹. As partes básicas são: a Cerimônia de Colação de Grau – geralmente, precedida por uma cerimônia religiosa – e o Baile de Formatura. Por mais que a tradição dos bailes tenha se perdido, em algumas instituições, a participação na Colação de Grau ainda é um momento marcante na vida de estudantes universitários. E até para aqueles que não se animam para suar numa beca desconfortável e preferem formalizar a conclusão do curso individualmente, longe dos *flashes* dos fotógrafos e da euforia dos convidados, o ato de “colar grau” corresponde à obtenção da garantia legal dos direitos conquistados mediante o término do curso.

Independentemente de sonhar com alguma cerimônia de formatura, os possíveis formandos são sujeitos com expectativas de gozar dos efeitos decorrentes desse ritual de passagem, a partir da obtenção do título conquistado como coroamento de alguns anos de dedicação aos estudos. Um título que atestará sua habilitação para o exercício de uma profissão, o que equivale à possibilidade de mudanças significativas nas condições de vida conforme os sujeitos são “autorizados” a buscar uma nova posição social, condicionada pelos modos de inserção numa carreira. A frustração de tais expectativas é apenas um dos impactos

que a pandemia de COVID-19 provocou no ambiente acadêmico neste ano de 2020. Examinar esse tipo de impacto, por meio de uma cuidadosa análise de narrativas autobiográficas de possíveis formandos, é o objetivo deste artigo que está estruturado nas seguintes partes: uma breve incursão teórica sobre a potencialidade das narrativas autobiográficas como fonte de pesquisa sobre situações ainda em andamento, apresentação do campo investigado e análise das narrativas subdividida nos seguintes eixos: os sentimentos experimentados pelos sujeitos, a repercussão da descoberta do adiamento da formatura e a mudança de rotina nesse contexto, as perspectivas formativas e profissionais, a renovação de valores e as expectativas com relação à formatura enquanto ritual de passagem.

O potencial das narrativas autobiográficas

Como é comum em trabalhos com narrativas autobiográficas, este estudo pode ser considerado como um exame de experiências expressas pela perspectiva do narrador, ou seja, analisa como o sujeito reflete sobre a realidade que o afeta (DOMINGO, 2016), assim como “analisa os processos conjuntos de individuação e de socialização que são constitutivos da construção e do desenvolvimento sócio-individual como formas de apropriação e de configuração biográfica” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 138). Assim, pensando junto com os entrevistados, este trabalho é uma contribuição para a compreensão de como a experiência de viver uma pandemia pode se tornar uma oportunidade de reflexão sobre a formação e a escolha profissionais.

A pesquisa biográfica tem se mostrado bastante eficaz na investigação de “processos de constituição individual (de individuação),

¹ São partes complementares dos rituais de formatura: o plantio de árvores, as chamadas “Aulas da saudade”, as viagens em turma etc.

de construção de si, de subjetivação, com o conjunto das interações que esses processos envolvem com o outro e com o mundo social”, diferenciando-se de outras correntes de pesquisa por “introduzir a dimensão do tempo, e mais especificamente a *temporalidade biográfica* em sua abordagem dos processos de construção individual” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 136, grifo da autora). De acordo com essa autora, a *temporalidade biográfica* é de fundamental importância para a compreensão de como os seres humanos percebem a própria existência e a relação com seus semelhantes, pois é por meio dela que damos forma às experiências vividas. É por isso que destaca a dimensão sócio-histórica da atividade biográfica, descrevendo-a “como um conjunto de operações mentais, verbais, comportamentais, pelas quais os indivíduos se inscrevem subjetivamente nas temporalidades históricas e sociais que lhes antecedem e os ambientam” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 138).

Conforme Domingo (2016), a intenção narrativa vai muito além de relatar o vivido. Ela pode se manifestar como “um modo de dar forma ao vivido para prestar-lhe atenção às questões que, através do ato de narrar, são desveladas como aquelas que requerem aprofundamento, exploração, investigação; não só para compreender algo delas, mas para que nos afetem de um modo existencial” (DOMINGO, 2016, p. 16. Tradução minha). Pode-se dizer que tais desvelamento e compreensão foram, simultaneamente, o objetivo da presente pesquisa e os norteadores das questões desenhadas das narrativas coletadas.

No caso de pesquisas como esta, nas quais as experiências narradas ainda estão em andamento, é pertinente observar como os fatos são relacionados ao contexto, pois a forma como as relações são estabelecidas é circunscrita pelos modos como os sujeitos compartilham sua história de vida com uma pesquisa-

dora que faz parte do mesmo contexto, porém socialmente posicionada em outro ponto de vista (BOURDIEU, 2008). É preciso, portanto, considerar que “o sujeito da narração discorre como ele compreende a própria trajetória, como se constitui, transforma-se e envolve o outro que escuta; assim, ao relatar sua vida, o sujeito também se constrói, abrindo possibilidades para que o interlocutor possa compreendê-la” (SIMÃO; FRISON, 2020, p. 73).

Com base nesses aportes teóricos, debruçei-me sobre a narrativa de possíveis formandos para compreender como o contexto de adiamento das formaturas impactou em suas trajetórias de formação e expectativas profissionais.

O campo investigado

Foram entrevistados onze possíveis formandos dos cinco cursos de licenciatura² da Universidade Federal de Viçosa (UFV) *Campus Florestal* (CAF): Ciências Biológicas, Física, Educação Física, Matemática e Química. É considerado como possível formando o estudante cujos créditos restantes para integralizar a matriz curricular do seu curso estejam em vias de serem cumpridos no ano letivo vigente. A amostra foi composta por sete mulheres e quatro homens, com idades variando entre 21 e 25 anos. Três sujeitos exercem alguma atividade remunerada e os demais são bolsistas, alguns dos quais declaram temer a incerteza de renovação das bolsas mediante a dilatação do prazo de conclusão do curso. Nove entrevistados concluiriam o curso em dezembro e dois em julho de 2020, após terem trilhado percursos que variam entre quatro a seis anos de graduação.

A UFV-CAF está localizada na Região Me-

2 De acordo com o Catálogo de Graduação da UFV, os cursos de Educação Física e Matemática duram quatro anos; e os cursos de Ciências Biológicas, Física e Química duram quatro anos e meio.

tropolitana de Belo Horizonte, região da qual procede a maior parte do seu público. Florestal é uma cidade pequena, com cerca de 8 mil habitantes, e grande parte de seus estudantes mora na cidade. Alguns moram em repúblicas, outros sozinhos e são raros os casos dos que moram com a família. Com a suspensão das atividades acadêmicas, a partir de 16 de março de 2020, os estudantes foram retornando às suas cidades de origem paulatinamente. Por ocasião das entrevistas, entre 9 e 15 de junho, entre os sete sujeitos que moravam na cidade apenas durante o período letivo, permaneciam somente dois que exerciam atividade remunerada (praticando *home office*). Como se verá adiante, o retorno à casa da família teve diversas repercussões no modo como os sujeitos lidam com a nova rotina.

Todos os entrevistados são solteiros e sem filhos, concluindo a primeira graduação, embora alguns já tivessem iniciado outro curso superior antes de se matricular na UFV-CAF. A maioria ainda dependente economicamente dos pais e residindo com eles durante a pandemia. Um traço que uniformiza a amostra advém do fato de que nenhum dos entrevistados contraiu COVID-19, tampouco seus parentes e amigos próximos, até o momento da coleta. No entanto, todos eles tiveram a vida afetada pela pandemia, de diferentes formas.

Gotas de angústia e reconstrução num mar de frustração e impotência

Os sentimentos provocados pelo contexto responsável pelo adiamento das formaturas variam entre a tranquilidade e o desespero, passando por várias nuances entre esses dois extremos: calma, aceitação, paciência, tristeza, otimismo com as mudanças, gratidão pela oportunidade de ressignificação e reconstrução identitária, estranhamento, incerteza, an-

gústia e impotência. Por mais que o viés esperançoso esteja presente nas narrativas, quando solicitados a resumir em apenas uma palavra o sentimento suscitado pelo adiamento da formatura, o termo com maior ocorrência foi “frustração”, bastante relacionado com a ideia de “impotência”:

Eu fiquei em dúvida entre frustração e aprendizado porque, querendo ou não, no início foi uma frustração que agora se tornou em aprendizado, mas seria mais frustração porque interrompeu muitos passos que antes disso acontecer já estavam meio que desenhados na minha cabeça. Aí agora desmanchou tudo e eu preciso redesenhar esses passos para entender até onde eu quero chegar primeiro. Interrompeu muitas etapas que antes estavam claras e possíveis na minha cabeça e agora não mais (Lasf³).

O sentimento é perceber o quão a gente não tem controle sobre as coisas, nós tentamos ao máximo lutar pra ter uma rotina, uma organização, um planejamento, porém é inevitável, vão ter coisas na vida que te tiram totalmente do que você planejou. Essa questão de não termos o controle de tudo, essa ilusão de controle que na verdade não temos, o que a gente vive é uma coisa que já está estruturada, é um sistema que até numa situação de crise já tem uma estrutura que não tem como fugir. Ou a gente se adapta ou morre à mingua, literalmente e figurativamente também. Então, a frustração vem de você se organizar tanto e de ser cobrado uma organização sempre para chegar num momento desses e você falar: ‘Não, não adianta você se organizar porque não tem recursos, é isso que está acontecendo e viva de acordo com isso’ (Felipe).

A frustração aparece de forma mais acentuada nas narrativas de quem havia acelerado o curso na ânsia de se formar em menos tempo. Isso é possível quando o estudante antecipa o cumprimento de créditos, em disciplinas ou atividades complementares, sobrecarregando-se em alguns períodos. O adiamento

3 Para garantir o anonimato, os sujeitos serão identificados com codinomes escolhidos por eles próprios. Quando necessário, o nome do curso será omitido com o mesmo fim.

da conclusão do curso, portanto, aprofundou a frustração desses sujeitos que olharam em retrospectiva para os esforços empregados para “poder adiantar bastante” e concluíram “não ter adiantado nada” (Lineola).

A impotência gerada pelo contexto pandêmico gera incertezas e ansiedades. Como as relatadas por Girassol, que já fazia uso de medicamentos para depressão e ansiedade antes da pandemia, ou por Potenay, que começou a estudar formas de proteção da doença antes das aulas serem suspensas, devido à necessidade de prover segurança em seu local de trabalho, e observou em si alguns sintomas antes nunca experimentados:

Começou a me pesar na parte mental, psicológica. Eu comecei a ficar triste, comecei a ficar abalado, desenvolvi ansiedade, insônia, coisa que eu nunca tive, porque eu sempre fui super tranquilo com isso. Principalmente insônia, nunca tive. Mas comecei a desenvolver. Aí cheguei num ponto em que eu não poderia abraçar o mundo nesse caso e que, se eu começasse a pensar muito em tudo que poderia acontecer, tudo que estava acontecendo eu não tinha controle, eu ia acabar enlouquecendo, e não ia resolver nada. E aí que eu tive esse sentimento maior de impotência, porque a maioria das coisas eu não posso fazer. O que eu posso fazer é me cuidar, ficar em casa, tentar fazer o que eu conseguir, o que eu não conseguir está tudo bem também.

As narrativas confluem para a percepção de que o medo dos riscos diretamente relacionados à letalidade inerente à pandemia não é o maior dos fantasmas. A incerteza do que está por vir, em todas as dimensões da experiência de ser humano, é o maior fator de inquietação no momento, levando ao desgaste psicológico até quem outrora se considerava mentalmente saudável. O caso mais extremo de comprometimento da saúde mental foi narrado por Coruja, para quem o adiamento incerto da formatura destruiu temporariamente o sentido que ela atribuía à própria vida:

Entrevistada: [...] antes de eu vir pra casa da minha mãe, eu estava muito triste. Eu estava chorando constantemente, porque comecei a pensar agora como é que vai ser. Porque agora a economia despençou. Se antes a gente era desvalorizado, e agora? Como é que vai ficar a ciência? [...] Então eu senti que o nosso ramo está contraindo, contraindo e eu não sei se vou conseguir uma bolsa de Mestrado. Eu não sei se vou conseguir um emprego. Eu não sei como que o país vai continuar depois disso. E foi assim, eu tive que vir pra casa para, realmente, poder comer porque eu não estava comendo, nem dormindo direito e às vezes eu só dormia. Eu fiquei estagnada. Eu tive que conversar várias vezes. [...] Um dia eu acordei assim e estava tão assim deprimida, parecia que não sentia nada. Eu não estava sentindo nada. Não conseguia pensar e eu sentei no sofá que tem lá em casa e me vi com pensamento suicida. Não cheguei a falar isso para minha mãe, mas assim... Para mim, a minha vida tinha parado, sabe? Porque a minha esperança era [me] formar este ano e tentar dar uma alavancada na minha vida, mas aí isso acabou com todos os meus planos, infelizmente. E eu não sei como que vai ser agora.

Entrevistadora: Mas você relaciona esse pensamento suicida com a situação de suspensão das aulas?

Entrevistada: Eu acho que isso só aflorou coisas que já estavam no meu pensamento, porque os últimos governantes que tivemos, principalmente o atual, eles desvalorizam muito o campo da educação. Então, eu acho que já estava desanimada. [...] A gente fica criando metas, fica criando coisas para dar sentido à vida, porque, realmente, se a gente for parar para pensar, eu cheguei à conclusão que a vida não tem sentido, que a gente corre, corre... Criando coisas para fazer e para poder viver, né? [...] ter meu diploma no final do ano era o sentido da vida para mim. Só que teve uma interrupção. Então, isso aflorou, realmente, em pensar essas questões. Eu estou atrasada, vou ficar mais atrasada, então para que viver? Eu não sei se vou me formar, não sei o que vai acontecer com o mundo. Então, eu acho que tem toda a ligação, sim, com esses pensamentos que eu estava tendo. E foi para outros campos também, né? Eu acho que é um ‘mix’ de sentimentos

que isso está causando em mim. É muito... isso nem é só de mim, eu vejo muito isso tudo até na fala dos meus calouros. Muita gente está desanimando. Realmente, mesmo. Eu acho que a pandemia... ficar preso. Nunca tínhamos tirado um tempo tão grande para nós mesmos e eu acho que não estamos sabendo lidar com isso.

O profundo sentimento de tristeza experimentado por Coruja abarca não somente o problema imediato de suspensão das atividades acadêmicas, com conseqüente adiamento de sua formatura, mas todo o contexto de inserção no campo profissional. Preocupada com as condições de desenvolvimento da ciência no país, bem como com a histórica desvalorização do campo da educação, a licencianda sobrepuja subjetivamente alguns obstáculos antevistos em seu futuro profissional numa ação reflexiva que evidencia como “a categoria biográfica realmente dá acesso ao trabalho de gênese sócio-individual pela qual os indivíduos perlaboram o mundo social e histórico e não cessam de produzi-lo ao produzirem-se a si mesmos” (DELORY-MOMBERGUER, 2016, p. 137).

Desse modo, o ato de narrar a própria história situada num contexto sócio-histórico específico corresponde à expressão de um saber pessoal que consiste numa versão que revela como nossas experiências nos propiciam uma nova forma de pensar, ou seja, como podemos nos abrir para novas formas de pensar e de perceber a nossa história de acordo com o que experimentamos (DOMINGO, 2016). Isso pode ser observado nas demais narrativas, seja qual for a tônica dos sentimentos expressos. É importante, portanto, registrar que nem todos os entrevistados mergulharam no clima de angústia que prepondera no conjunto das entrevistas. Na contramão de tanto mal-estar, temos a história de Silueta, que não vê sentido em falar de tempo perdido:

Para falar a verdade não me afeta muito ficar um ano a mais. [...] Com o decorrer do curso,

passei a não ligar muito, tanto que não sei o que vou fazer, se vou fazer mestrado ou se vou me formar e tentar encontrar emprego em outra coisa. Não sei o que vou fazer. Sou uma pessoa mais realista, não vou ficar triste com esses negócios. Está fora do meu controle, não tenho o que fazer. Vou gastar um ano a mais e depois concluo o curso. Não estou me sentindo atrás. Não diria que perdi um ano da minha vida. Ouvi muita gente falando que o ano está sendo jogado fora, não tenho essa impressão. Estou usando esse tempo para fazer outras coisas que não daria para fazer tão bem se estivesse tendo aula.

A narrativa de Silueta permite analisar como a visão do sujeito sobre a formação humana influencia a maneira como o mesmo encara o adiamento de sua formatura. Assim, abre-se uma via de compreensão da coerência do modo como alguém vê a si próprio enquanto estudante universitário e como tal indivíduo se sente num contexto de prorrogação dessa experiência, inclusive de forma comparativa com a percepção que se tem dos colegas.

Sempre achei a cultura da universidade diferente do meu gosto, do jeito que eu vejo as coisas. Sempre vejo que para o pessoal do meu curso é mais importante, é uma parcela da vida deles muito maior do que representa para mim. Para mim, é muito importante, eu sou um universitário e isso define um pouco a forma do que eu penso sobre pesquisa, sobre a importância de faculdade, claro! Mas, eu não diria que tenho uma rotina de universitário que eu vejo em filme ou até nos meus colegas. O pessoal ficava muito em laboratório e eu já não sou esse tipo de pessoa. Então, imagino que deve estar sendo muito pior para pessoas que dependiam do laboratório, que não tinham um ambiente legal para estudar em casa ou até que gostava e que precisava da ajuda dos colegas e da proximidade de estar junto para ajudar com os conteúdos. Acredito que deve estar sendo muito ruim para eles ficarem parados. Isso não me preocupa tanto porque primeiro sempre fui um cara mais solitário, acho que a visão de tempo perdido é ruim por vários motivos. Primeiro para a sua

saúde mental, você ficar pensando que perdeu tempo. Vai ficar triste e achar que todo seu esforço foi jogado para nada e isso está fora do meu controle. Deve sentir muito refém da situação e é um negócio totalmente fora do meu controle e dominou a minha vida. Acredito que dá para ter uma visão diferente: em vez dele dominar sua vida, ele só te deu uma oportunidade diferente para você focar em suas relações com a sua família, para você ver o quão importante é a relação que você tinha com seus colegas da universidade ou até para você fazer alguns projetos pessoais, como é o meu caso. Eu já queria fazer, até sentia que precisava de alguma outra coisa. Eu estava tentando arrumar tempo para essa outra coisa e não estava conseguindo por causa da faculdade. Por causa da importância da faculdade, não tinha tempo e agora tenho tempo para fazer essas coisas (Silueta).

Dessa perspectiva, o potencial positivo da experiência do adiamento é afirmado de uma maneira que coloca em dúvida o argumento inicial de que a universidade não é tão importante em sua vida ao ponto de se reconhecer como alguém que teria uma “rotina de universitário”, pois, ao final, Silueta declarou estar satisfeito por poder realizar coisas que gostaria de ter feito antes, mas que não tinha tempo “por causa da faculdade”. Tal reflexão, aparentemente contraditória, revela como os sentimentos e percepções sobre as experiências em andamento estão emaranhados em contextos que rompem os limites temporais do distanciamento social imposto pela pandemia.

E em que isso importa para nossa pesquisa? Importa justamente para reconhecer que os sentimentos que vieram à tona nas narrativas estão situados no contexto pandêmico, mas vão muito além e aquém desse contexto. Os sujeitos narraram um período bem delimitado de suas trajetórias de vida e, seguindo a noção de trajetória formulada por Bourdieu (1986), isso implica na consideração de que suas experiências são simultaneamente influenciadas por fatores de diferentes campos

que compõem um espaço social em constante transformação. Reconhecendo essa complexidade, voltemos nossa atenção para o objeto em pauta analisando como repercutiu a descoberta de que a experiência na graduação não será concluída em 2020.

Diferentes modos de “cair a ficha” e de viver uma nova rotina

Passadas duas semanas letivas do primeiro período de 2020, a suspensão das atividades acadêmicas a partir de 16 de março foi comunicada na tarde do sábado, 14 de março, por meio do site da UFV e também via e-mail para toda a comunidade acadêmica. Alguns entrevistados foram completamente surpreendidos, mas outros já aguardavam que algo assim acontecesse, por estarem acompanhando mais atentamente as notícias em âmbito internacional.

Como a suspensão das atividades foi anunciada por tempo indeterminado, cada sujeito, de acordo com sua visão sobre o que ou como seria uma pandemia nunca antes experimentada, supôs diferentes prazos e cenários de retorno às aulas. Alguns supuseram que a suspensão seria breve e permaneceram em Florestal no aguardo da retomada da rotina universitária. Outros logo perceberam que o retorno às aulas seria demorado e retornaram para casa, em outras cidades. Foram bem variadas as situações que propiciaram a percepção de que a suspensão da vida acadêmica, tal como até então conhecida, perduraria por meses.

Lia, por exemplo, concluiria a graduação em julho e declarou que “o maior baque foi quando percebi que talvez eu não me forme nem ao final do ano”. Ela percebeu que a situação não se resolveria no ritmo almejado ao conversar com o namorado, que cursa graduação numa instituição privada que adotou rapidamente o ensino remoto.

[...] o coordenador do curso dele disse que provavelmente o segundo semestre deste ano também vai ser assim. E eu estava com muita esperança e acreditando porque o Brasil não tinha tantos casos como está tendo hoje. O atual cenário político deixa muito claro que não vamos superar isso até ano que vem, por não tomar medidas tão eficientes quanto nos outros países, mas aí ele falou que não vai voltar e que é pouco provável que volte em agosto. Aí minha ficha caiu até porque a UFV não tinha se manifestado quanto a isso. Eu fiquei me perguntando: como assim não [me] formo este ano? De jeito nenhum?! (Lia)

As fichas dos demais entrevistados caíram de forma mais gradual e por força de duas situações: o acompanhamento das notícias sobre a pandemia, a cada dia mais alarmantes, ou a retomada de algumas atividades acadêmicas de forma remota. Assim, a oferta de um Período Especial de Outono (PEO)⁴ serviu como um sinal de alerta de que as aulas presenciais não seriam retomadas brevemente. Em ambos os casos, os entrevistados queixaram-se do fato de a universidade não ter se mostrado apta a oferecer informações precisas sobre a continuidade dos cursos, mesmo aqueles que fizeram questão de destacar uma postura contrária diante da alternativa de oferta das disciplinas na modalidade Educação a Distância (EaD).

Eu sei que, às vezes, a UFV não tem autonomia suficiente para decidir o que faz e o que não faz, mas eu creio que o ensino EaD, falando mais sobre isso, sobre uma possível volta sem ser presencial, eu creio que o ensino EaD não seja bacana para a UFV [...] Até o período de outono, não sei se vai ser muito bem aceito, mas o ensino EaD eu creio que, nesse caso, seria excluído para alguns alunos e também baixaria um pouco o nível da universidade (Potenay).

⁴ O PEO foi uma experiência inédita na UFV que consistiu em um período letivo concentrado, semelhante ao tradicional período de verão, mas com disciplinas oferecidas remotamente. Durou 45 dias, no período de 8 de junho a 22 de julho, e a participação foi opcional, para docentes e discentes. Apenas dois entrevistados matricularam-se no PEO.

No geral, os estudantes entrevistados se mostraram pouco inclinados a concluir a licenciatura por meio de disciplinas EaD. Até porque muitos deles precisavam cumprir créditos que não seriam viáveis nessa modalidade, tais como estágios e aulas práticas. Mais que isso, eles expressaram traços de suas concepções de educação por meio do rechaço ao ensino remoto, abrangendo preocupações com: a qualidade do ensino, as condições objetivas e subjetivas para que todos os estudantes participem das atividades remotamente e as repercussões futuras para a educação que uma ação emergencial como essa pode acarretar.

Desconsiderando, portanto, qualquer chance de conclusão do curso por meio de atividades remotas, as percepções acerca da impossibilidade de iniciar 2021 com um diploma em mãos ocorreram de múltiplas formas e em diferentes tempos, assim como as mudanças de rotina devido à pandemia. O espectro de reações variou desde aquela situação em que o estudante continuou com o mesmo ritmo de estudos – com exceção da frequência às aulas, obviamente – até aquela em que o sujeito passou a agir como se estivesse de férias. Neste segundo caso, períodos mais prolongados de repouso, maratonas na Netflix e maior tempo de interação com os amigos por meio de redes sociais foram as principais formas de ocupar o tempo livre.

Novos estudos e novas habilidades também se desenvolveram enquanto forma de aproveitar tanta ociosidade. Alguns se dedicaram a aprofundar os estudos em áreas ou temas que haviam lhe chamado a atenção durante o curso, mas que ainda não haviam tido tempo de realizar estudos independentes das obrigações acadêmicas. Há casos em que o resultado desses estudos culminou na mudança do tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), o que evidencia que o tempo livre proporciona algum amadurecimento intelectual

nos estudantes e os empodera no sentido de tomar decisões importantes em suas trajetórias de formação. Assuntos não contemplados nas grades curriculares dos cursos também foram mencionados como objeto de estudos independentes, tais como educação financeira, fotografia e línguas estrangeiras.

Ainda no que tange aos novos aprendizados e habilidades desenvolvidas durante a pandemia, o ato de cozinhar foi comentado como algo que passou a ser um gosto e a ampliação dos cuidados dispensados aos animais de estimação também ganharam destaque.

A permanência compulsória dentro de casa, compartilhando o espaço doméstico com a família com a qual já não se tinha mais o costume de viver tantos dias sob o mesmo teto, estreitou laços, mas também impulsionou conflitos. Nas palavras de Felipe, *“estar 100% do tempo em um espaço relativamente confinado pode ser desgastante para as relações entre as pessoas, as próprias ansiedades de cada um vão começando a se sobrepor nas relações”*. Para além do núcleo familiar, outras demandas emocionais emergiram. Ao mesmo tempo em que distanciou fisicamente casais de namorados que costumavam se ver diariamente na universidade, fez com que um dos sujeitos assumisse uma vida conjugal ao levar o namorado para viver junto com sua família, por conveniência financeira e sanitária. A diversidade de mudanças na rotina é realmente enorme, mas há um desafio em comum: o de reaprender a estudar em casa, distante dos colegas e dos professores.

Esse desafio é mais acentuado no caso de bolsistas que estavam acostumados a passar o dia inteiro no *campus*, a fazer as refeições no Restaurante Universitário e a recorrer aos colegas para estudos ou projetos. Eles tiveram a rotina completamente alterada, não só no que diz respeito aos estudos em si, mas em muitos outros hábitos, especialmente os alimentares.

Entre os pontos positivos das novas rotinas, no geral, foram destacadas as oportunidades de poder dedicar parte do tempo, sem remorsos, para a leitura de livros de diferentes gêneros, a prática do desenho e da escrita – não acadêmica – e os jogos *on-line*.

É importante destacar que a comunicação virtual com os amigos foi bastante comentada como um trunfo para a manutenção da saúde mental, em meio a tantas incertezas e mudanças. É unânime a percepção, entre os entrevistados, de que essa prática tem servido como paliativo da angústia diante da privação do convívio social, não só no que diz respeito ao ambiente universitário, mas em outras esferas da vida também. Os diálogos mantidos por diferentes meios de comunicação virtual – predominantemente pelo aplicativo WhatsApp –, em conversas individuais ou em grupos, têm contribuído para reflexões sobre o futuro.

As perspectivas formativas e profissionais

As perspectivas de formação e de exercício profissional estão completamente alinhadas no grupo estudado. Os dois entrevistados que expressaram dúvidas sobre as perspectivas de formação são os mesmos que declararam não ter intenção de direcionar a carreira para a área da educação. Os demais se mostraram bem decididos a seguir carreira acadêmica. Alguns cursando o bacharelado na mesma área ou outra licenciatura, enquanto a maioria manifestou pretensão de seguir direto para a pós-graduação. A área da pesquisa, sobretudo, parece exercer grande fascínio no grupo estudado.

Analisando os que pretendem seguir carreira acadêmica, prestar concurso público para uma vaga de professor foi a opção mais cotada. Os entrevistados demonstraram clareza sobre a crescente dificuldade de obtenção de bolsa de estudos no país, que tem se agra-

vado em suas respectivas áreas de interesse. Por isso, cogitam a possibilidade de manter-se financeiramente como docente na educação básica enquanto prosseguem estudando em nível de pós-graduação.

Esses planos não foram substancialmente alterados devido ao adiamento da formatura. Eles foram adiados e ampliados. Em que sentido? Vários entrevistados fizeram questão de ressaltar que o estado de suspensão de projetos provocado pela pandemia despertou a consciência de que a realidade é instável, incerta e insegura. E essa consciência tem aflorado certas formas de desprendimento que talvez não viessem à tona no contexto da “*velha rotina*”. É como se, ao perceber-se impedido de chegar ao final de uma jornada bem planejada e dentro do prazo calculado, os sujeitos se dessem conta de que já que “*a vida é tão curta e de repente muda tudo, vou começar a arriscar mais*” (Evolução).

Há vários exemplos dessa ampliação de perspectivas e eles coadunam com a ideia de que uma biografia é como se fosse uma “*vida dupla*” na forma de um ponto de confluência entre a história social e a história pessoal de cada sujeito. E cada uma dessas histórias constitui um campo de possibilidades, com distintas forças de determinação (CLOT, 2011, p. 131). Como no caso do licenciando Evolução, que pretendia cursar o mestrado ao mesmo tempo em que trabalharia como professor. Quando perguntado se esses planos mudaram ao longo da pandemia, ele respondeu:

Entrevistado: Não, continuam os mesmos planos. Agora que estou com tempo livre, comecei um curso de fotografia e estou pensando em investir no futuro, quem sabe como um hobby. Esta pandemia me fez abrir os caminhos, pensar em outras áreas em fazer outras coisas, ter novos pensamentos.

Entrevistadora: Me fale mais sobre esse ‘abrir novos caminhos’.

Entrevistado: Ah, é que antigamente eu tinha muito medo de arriscar por que ficava com medo pensando se vai dar certo, se não vai... E agora não, por exemplo, esse curso de fotografia que abriu, eu pensei ‘por que não tentar?’. Tenho uma câmera boa aqui e quem sabe no futuro investir, comprar uma outra e investir nessa área. Comecei a pensar e parar de ficar com esse medo de ‘e se’.

Entrevistador: Isso você não pensava antes?

Entrevistado: Não, eu tinha muito medo de não dar certo.

Entrevistador: Por que perdeu o medo?

Entrevistado: Fiquei muito tempo à toa e comecei a refletir mais, pensar que a vida é tão curta e de repente muda tudo, vou começar a arriscar mais.

A tônica da ousadia esteve bem presente em outras narrativas como resultante do assombro diante da inesperada perda do que se considerava como certo e pré-determinado. Seja por ansiedade ou por uma visão ultrarrealista, a ampliação dos planos representa para os sujeitos uma alternativa para não abrir mão da vida sonhada antes da pandemia, nela incorporando novos planos outrora impensáveis. Não exatamente por envolverem algo pelo qual o sujeito passou a se interessar durante o distanciamento social, mas por serem considerados como arriscados num contexto que deixou de existir. Sem saber o que está por vir, os sujeitos vislumbram um futuro no qual as formas tradicionais de desenvolvimento profissional não seriam mais tão garantidas “*como era antigamente*”.

Na transição entre um mundo que parece ter sido perdido antes de nele ocupar um lugar consolidado, há quem sonhe em formas de conquistar uma posição no campo acadêmico por novas vias de acesso. É o que transparece na narrativa de Lia, que agora vê no empreendedorismo, como meio e não como fim, a esperança de viabilizar a construção de sua carreira.

Entrevistada: [...] vou continuar tentando as designações, mas também estou com o pensamento voltado para ter alguma coisa minha. Estabilidade acredito que não iremos ter em nada, nem em serviço público. Principalmente em Minas Gerais, os salários estão sempre atrasados. Então, comecei a pensar bastante em ter o meu próprio negócio, meu próprio empreendimento. Acredito que ninguém começa gigante, mas queria ter uma ideia genial, essa sacada de alguma coisa que as pessoas precisem, que elas nem saibam que precisam e que faça diferença na vida delas.

Entrevistadora: Isso você começou a pensar depois da pandemia?

Entrevistada: Sim! Porque você não tem estabilidade, quem está em casa, mesmo tendo comércio, está dependendo do auxílio do governo. Por isso comecei a pensar que precisamos ter plano A, plano B e plano C. Algo que não é somente um, pensar só em designação. Não preciso ter somente um plano. Posso pensar em conseguir designações, posso tentar emprego como técnica, apesar de não querer mais essa área [...]. Esse também é um dos planos, trabalhar como técnica e trabalhar para mim com alguma coisa minha.

Entrevistadora: E isso você não pensava antes?

Entrevistada: Não! Pode até ser que já tinha passado pela minha cabeça, mas não tomei aquilo como verdade, se é realmente algo que irei fazer. Mas agora com certeza é uma coisa que vou fazer. Para começar preciso de certo capital e está muito difícil um capital com 400 reais de bolsa. Mas acredito que quando tiver algum cargo do governo, porque o cargo pleiteado é 16 horas, se conseguisse um desse acho que seria bem tranquilo começar a guardar algum dinheiro para depois investir em alguma coisa minha. O plano por enquanto é esse!

A narrativa de Lia ilustra o que parece ser uma nova postura dos possíveis formandos diante dos seus destinos profissionais. Para não abrir mão do que se sonha profissionalmente, os sujeitos buscam alternativas de viabilizar o que outrora parecia tão sólido e agora

parece se desmanchar no ritmo do avanço da pandemia, tal como Marx e Engels descreveram a dissolução de tudo que outrora parecia imutável:

Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de ideias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas (MARX, ENGELS, 2001, p. 3).

Encarando as novas condições de existência, mas sem abrir mão das expectativas nutridas no passado, ou seja, numa realidade que se dissolveu, Lia justifica como que “para ter algum empreendimento não necessariamente tem que abrir mão de continuar tendo uma carreira docente”. Essa ideia está presente também em outras narrativas nas quais os sujeitos reconhecem que o presente impõe limitações aos seus planos, engendrados em algumas certezas do passado que estão sendo dissolvidas pela nova realidade social gerada pela pandemia:

[Meu] plano de vida e sonho é ter mestrado, doutorado, pós, virar professora e pesquisadora de uma universidade federal. Ter um empreendimento é aquilo de não ficar dependente de algum sistema, órgão e ter provavelmente dependência do meu trabalho ou algo assim. Acredito que dá para andar com as duas coisas, queria sim um empreendimento, quero ter um empreendimento, mas não abro mão de aprender, pesquisar, ter mestrado e doutorado (Lia).

A grande questão que os sujeitos colocam é: diante de um futuro tão incerto, como decidir qual será o destino profissional? Entre a realização pessoal na carreira sonhada e a necessidade de obter recursos materiais para garantir a sobrevivência, os sujeitos se veem forçados a fazer escolhas inspiradas por valo-

res e visões despertados pelo extraordinário contexto pandêmico.

Visões e valores renovados

Confirmando uma das hipóteses deste estudo, o tempo ocioso proporcionou aos sujeitos uma oportunidade de reflexão acerca de suas trajetórias. Ainda que tal reflexão não os tenha conduzido para mudanças substantivas nas perspectivas formativas e profissionais, ela tem sido importante para consolidar algumas convicções a respeito dos papéis que cada um assumirá na realidade pós-pandêmica.

A importância da ciência e do professor, enquanto profissional que forma os cidadãos por meio da construção de saberes alicerçados em conhecimentos científicos, ecoou nas narrativas com ênfases que variam quanto ao grau de otimismo frente aos rumos incógnitos que a educação formal tomará. Algumas afirmações de Tulip e Coruja ilustram a percepção dessa importância.

Com tudo isso que está acontecendo, eu percebi como é importante a presença do professor no Brasil. Eu espero que as pessoas percebam isso. Também tenho percebido como é importante a gente investir na ciência. Eu passei a repensar isso aí (Tulip).

Com tudo o que aconteceu e independente do que vai acontecer, eu acredito que o professor tem um papel muito mais importante dentro da sociedade. [...] Eu quero ensinar, eu quero poder mudar as pessoas através da [nome do curso]. Eu vi que muita gente não consegue interpretar dados, não sabe filtrar se as informações são verdadeiras ou não. Eles espalham notícias que não têm fundamentação. Então, eu tenho realmente que participar da preparação desses futuros jovens que vão ser o futuro da humanidade, né? (Coruja).

Quando o foco da reflexão se desloca do papel social do professor para a conveniência pessoal de assumir esse papel, as dúvidas começam a surgir, como no caso de Girassol

que declarou que “a quarentena está me fazendo refletir muito. Eu não faço praticamente nada o dia inteiro, então fico bastante tempo na reflexão, pensando ‘Meu Deus, o que eu estou fazendo?’”. Esse despertar também foi narrado por outros entrevistados, mas, em sua narrativa, o conteúdo da reflexão se fez mais explícito:

Quando a gente está ali na ativa nunca pensa no que vai acontecer e vai seguindo. Então, pra mim, eu nem pensava que ia entrar numa faculdade e acabei entrando e fui indo. Eu sempre gostei de [nome do curso] e fui pensando ‘Ah, eu quero dar aula’. Só que aí parou tudo e eu comecei a pensar ‘Será mesmo que eu quero dar aula?’, ‘E se eu fizer tal coisa?’, ‘Essa matéria me chamou muito atenção, se eu fizesse alguma coisa relacionada com essa matéria?’ e fui fazendo essa bagunça na minha cabeça e agora estou assim: ‘O que que eu faço?’ (Girassol).

Para outros entrevistados, a autoexigência sobre suas próprias competências também foi alvo de reflexão ao ponto de alguns colocarem em dúvida se as oportunidades de refletir sobre si são proveitosas ou edificantes. Quando questionada sobre como tem aproveitado o tempo livre, se de alguma maneira tem refletido sobre a sua experiência como estudante ou seu futuro profissional, Lineola respondeu:

Sim, mas não sei se foi de uma maneira positiva. O que mais me fez refletir nesse tempo é o medo de me formar e não ser uma boa professora como espero ser um dia. Estou fazendo um curso [...] e neste curso o professor ensina uma coisa que, para mim, é muito difícil e ele ensina de um jeito muito bom. Ao mesmo tempo em que me sinto inspirada em ser como ele, às vezes fico refletindo se vou conseguir ser tão clara como ele. Será que eu seria uma boa professora? E esses questionamentos sempre vêm porque a gente nunca quer ser aquele professor que julga e critica. Eu morro de medo de ser aquele professor que os alunos falam mal nos corredores, como aquilo que eu nunca quis ser. O que eu mais refleti foi sobre isso.

No conjunto das narrativas, a dúvida sobre qual caminho seguir está predominantemente associada à necessidade de conciliar as decisões tomadas para dar continuidade à trajetória – emendar a graduação no mestrado ou cursar outra graduação?; Manter-se materialmente com uma bolsa de estudos ou lecionar para custear os estudos?; Prestar um concurso público ou buscar emprego na rede privada?; etc. – com a garantia de recursos materiais suficientes para se manter fiel ao estilo de vida sonhado para si. E, ao que parece, até a visão sobre a própria vida tem sido reconstruída devido às reflexões proporcionadas pelo distanciamento social que tem levado os sujeitos a perceberem *“o quão bom que pode estar sendo isso para a gente, que faz a gente se aproximar de quem está dentro da nossa própria casa e muitas vezes a gente não via, faz a gente dar valor para as coisas mais simples como sair de casa sem máscara”* (Girassol).

Em sintonia com as mudanças de visão narradas pelos colegas, na narrativa de Tulip, encontramos um apanhado revelador de como o contexto pandêmico tem potencializado novas formas de valoração das experiências vividas.

Eu ressignifiquei a vida, passei a olhar mais, vi que a vida é muito breve, que um dia você tá vivo, em outro você morre. E a vida vai além de título acadêmico. Sempre fui de gostar de estudar e vi que temos que estudar por amar, não por título, por vaidade. Quando voltarem as aulas, quando eu entrar na faculdade de novo, eu tenho certeza que eu não sou mais a pessoa que eu era, eu vou dar muito mais valor de poder assistir a uma aula. Como estou aqui na casa dos meus pais, eu estou vendo o quão privilegiada eu sou. Aqui nem todo mundo estuda, aqui não tem faculdade [...]. Eu não sou mais a mesma pessoa, estou dando muito mais valor, sabe? (Tulip).

A ressignificação do valor dos estudos e das relações humanas fez com que alguns entrevistados demonstrassem preocupação com os colegas que estão em condições vulnerá-

veis e para os quais as consequências da suspensão das atividades acadêmicas podem vir a ser mais danosas do que estão sendo para si. Tal preocupação se estende desde à situação daqueles que não teriam condições de retomar as atividades de forma remota até aos que acumulam maiores prejuízos com o adiamento da formatura. Alguns excertos ilustram esses olhares sobre os colegas considerados em situação mais vulnerável.

Felipe, por exemplo, ao criticar o modo como a universidade ofertou o PEO, afirmou ter ficado *“muito preocupado com os alunos que estão em situações mais vulneráveis, tanto em relação financeira quanto em relação a não ter acesso a essas tecnologias”*. Apesar de ele próprio ter se beneficiado do PEO, reconheceu que a oferta das disciplinas de forma remota pode agravar as desigualdades existentes na educação superior e se mostrou inquieto por não vislumbrar formas de amenizar a situação dos menos favorecidos.

Ao mesmo tempo em que eu fiquei muito feliz de poder adiantar um pouco a minha vida acadêmica com essas disciplinas, eu pensei imediatamente nesses colegas que estão na Universidade. Ainda bem que estão porque é direito deles também, mas aí vem a injustiça social. Ok, eles conseguiram chegar à universidade, passaram por um processo seletivo, mas e agora? Sabe, a frustração vem de novo porque o governo não está dando o auxílio que eu considero substancial para essas famílias que precisam. [...] Eu particularmente não tenho essa vulnerabilidade que outros colegas têm, mas eu pensei muito neles porque é muito mais injusto com eles. Para eles, é muito mais pesado e o que fazer para não ser tão pesado para eles? Aí não sei dizer (Felipe).

No que diz respeito ao adiamento da formatura, a preocupação com os colegas mais vulneráveis economicamente foi apontada como *“o maior dos problemas”*. Para Lasf, a questão do apoio familiar é fundamental e, por isso,

questionou: “*para as pessoas que precisavam se formar por questões financeiras, como que está sendo esse fator dentro de casa?*”. Silueta, por sua vez, reforçou a ideia de que o adiamento seria muito mais grave para quem tem pressa de se formar por razões econômicas, enquanto se reconheceu como um privilegiado por não fazer parte desse grupo:

Se for um plano monetário que a pessoa tinha, acho que também iria ficar frustrado porque oh, preciso de dinheiro e me formar me garantia um emprego que me daria uma renda. Porque acredito que seja a grande preocupação e a parte pior da pandemia [...] Como você administra isso é grande parte na guerra, como você está administrando essa bomba que foi jogada na gente. Acredito que estou jogando pelo lado bom porque tive o privilégio de não ser afetado tão de grande por questão monetária, isso é um grande privilégio! (Silueta).

Em suma, a maioria dos entrevistados almeja seguir carreira acadêmica, a qual não está sendo diretamente prejudicada pelo adiamento da formatura. Pelo contrário, os três meses que transcorreram desde a suspensão das aulas até a concessão das entrevistas proporcionaram aos sujeitos a oportunidade de refletir sobre seus planos e interesses, de modo a consolidar escolhas cruciais para seus destinos formativos e profissionais. Eles expressaram amadurecimento sobre essas escolhas, bem como sobre seus valores, e preocupação com os colegas que, de seus pontos de vista, estão em posições menos favorecidas para superar os desafios do contexto pandêmico. Resta examinar como os sujeitos estavam lidando com a incerteza de quando será a formatura como ritual de passagem para uma nova etapa na vida.

E agora, quando será a festinha?

Na UFV-CAF, o ritual de formatura é composto por várias partes: sessão de fotos para produ-

ção dos convites, aula da saudade, plantio de árvores, cultos religiosos e, como ponto culminante, a colação de grau tradicionalmente realizada no ginásio de esportes. Ao final da colação, algumas famílias ou grupos de amigos seguem para festas privadas, realizadas em suas residências, sítios alugados ou restaurantes do entorno.

Quando questionados sobre as expectativas sobre o ritual de formatura, alguns entrevistados declararam não ter planos a respeito enquanto outros se mostraram animados para celebrar. Com poucos indícios de aborrecimento pelo adiamento da esperada festa, os sujeitos subjetivaram o fato de prolongar a experiência como estudante de graduação como o principal ponto a ser considerado no momento de avaliar os danos da situação. Segundo eles, a festa será bem-vinda no momento em que se realizar, pois o mais importante é a conclusão do curso.

Eu estava planejando, nem que fosse pra um pouquinho de pessoas, mas fazer alguma festinha para comemorar. Afinal, foi tão complicado chegar até o final do curso, pensei em desistir tantas vezes... A gente fala de faculdade e acha que é uma coisa normal, mas a rotina mudou todinha. É muito difícil e eu queria, sim, fazer alguma coisa pequena pra comemorar a minha formatura. (Sá)

Mais do que a presença dos amigos, a da família foi a mais comentada como motivo da celebração. Importante salientar que, no total de 11 entrevistas, oito sujeitos representam a primeira pessoa da família a obter um diploma de graduação numa universidade pública, e que isso foi considerado por eles como fator de distinção de sua formação. Em seus contextos familiares, eles fazem parte da geração em que chegar a um curso superior deixa de ser uma raridade associada ao poder aquisitivo para custear a experiência numa instituição privada. E esse foi o principal motivo alegado

para que a formatura seja festejada e dedicada aos pais.

Eu não nasci rica. Então, a única forma que eu tenho de crescer um pouco, sair um pouco do meu mundo, seria estudando. A universidade me levou a vários lugares que eu jamais imaginei que eu estaria. Minha irmã e minha mãe sentem muito orgulho de mim. Minha mãe fala bastante que tem muito orgulho de mim. Fala com os vizinhos ‘minha filha está em universidade pública’. Eu fico feliz, porque eu acho que isso é o mínimo que eu devo a ela. Acho que o diploma seria mais um presente para ela do que para mim. Porque para mim foi um prazer estudar, porque eu gosto, mas o diploma é para ela (Coruja).

Meus pais tinham combinado de fazer uma festa de formatura porque na família da minha mãe eu sou a primeira a [se] formar em faculdade federal. Então, ela pretendia fazer uma festa para poder comemorar. [...] É uma conquista muito grande, tanto que se fosse no final do ano, a colação de grau seria no dia do aniversário do meu pai [...] e eu fiquei muito triste porque a gente vê como que eles batalharam, vê tudo que eles fazem e seria um dos maiores presentes que eu poderia dar que seria colar grau no dia do aniversário dele, mas infelizmente não vai ser possível fazer isso (Girassol).

Resignados com a espera indefinida para finalmente dedicar os louros do fim da jornada de graduação para os pais, os sujeitos se declararam menos preocupados com as festividades do que com os efeitos reais que a posse do diploma pode produzir, em termos objetivos e subjetivos.

Considerações finais

O contexto pandêmico ainda em andamento possui uma potência reflexiva que pode ser bem aproveitada no campo educacional. Do ponto de vista metodológico, o modo como as narrativas autobiográficas de possíveis formandos foram coletadas e tratadas, ao longo da produção deste artigo, confirmou que o tra-

balho (auto)biográfico pode ser um ato epistêmico de feições hermenêuticas (COSTA, 2016). Tal comprovação ocorreu nos diálogos que sucederam as entrevistas, para fins de aprovação do uso das transcrições, nos quais alguns sujeitos comentaram acometimentos de profunda emoção ao ler suas narrativas, bem como alcançaram um grau maior de consciência sobre algumas ideias nelas contidas quando as leram. Esses mesmos sujeitos se declararam gratos pela oportunidade de participar da pesquisa ao perceber como, antes de ser publicada, ela já estava a serviço de auxiliá-los na compreensão de si próprios. Considerando que a autora é professora desses licenciandos e se reconhece completamente envolvida em diversas das situações por eles narradas, há neste trabalho a constatação de que:

Por seu objeto e seu método, já o dissemos, a pesquisa biográfica envolve abordagens nas quais entrevistadores e entrevistados estão em um processo comum de investigação e de conhecimento que, se não visa o mesmo saber para uns e outros, pressupõe sua interdependência e sua colaboração. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 143)

São marcas irrefutáveis da pesquisa (auto) biográfica a interdependência entre quem pesquisa e quem é pesquisado. Este trabalho constitui-se, portanto, como um convite para refletir sobre o docente e o pesquisador que somos e que tipo de pesquisadores e/ou docentes estamos formando. Um convite para pensar no “sacode pra viver” que a pandemia deu em todos nós neste memorável ano de 2020. Nesse sentido, Coruja resumiu uma série de “achismos” presentes nas demais narrativas:

Eu acho que a gente tem que comemorar. Acho que isso foi um sacode pra gente acordar, pra gente viver e sair da rotina, sabe? Eu acho que a gente estava precisando disso. Eu acho que eu não me formaria da mesma forma que vou me

formar ano que vem, se não tivesse acontecido isso. Se fosse este ano, eu não estaria pensando as mesmas coisas que eu penso agora. Eu não seria a mesma pessoa. Acho que ninguém seria. Então, eu acredito que nós, estudantes, vamos nos tornar profissionais melhores depois desse sopapo que a gente recebeu, sabe? Acho que não vai ser o mesmo ambiente, não vai ser. A gente precisava disso, eu acho que isso reconstruiu muita gente. É um recomeço pra gente. Apesar de todo o mal que está causando pra algumas pessoas, mas isso vai ocasionar progresso em muitas áreas.

Nota-se nesse excerto uma síntese do que Delory-Momberguer (2016) nomeia de “lógica de subjetivação”. Segundo a autora, esse tipo de lógica surge no interior das narrativas, e juntamente com ela a “apropriação biográfica” do que está sendo narrado, tendo como fonte original “a dimensão socializadora da atividade biográfica”. Dito de outro modo, a pesquisa como atividade biográfica não está apenas a serviço de produzir conhecimento cientificamente relevante, mas também de contribuir para que os sujeitos participantes encontrem vias de compreensão de si e do mundo. É como se a atividade biográfica produzisse mais do que o suficiente para o ato e o produto de pesquisa científica, pois, transita entre o subjetivo e o objetivo, fecundando modos de compreensão que extrapolam aos interesses específicos de quem pesquisa. Do ponto de vista de quem é pesquisado, a atividade biográfica é “ao mesmo tempo e inseparavelmente aquilo por que os indivíduos se constroem como seres singulares e é por isso que se produzem como seres sociais” (DELORY-MOMBERGUER, 2016, p. 138).

Nessa perspectiva, o “balanço do contexto” feito por alguns entrevistados, e tão bem ilustrado no excerto acima, demonstra como as experiências individuais estão na base das formas de subjetivar o mundo histórico e social, conforme os sujeitos percebem-se duplamente. Eles se percebem e referenciam não só

como parte de um contexto que atinge toda a sociedade, mas como exemplos das potencialidades de socialização que a experiência em questão traz ao mundo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche sciences sociales**. Vol. 62-63, p. 69-72, juin.1986. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317. Acesso em: 11 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 693-713.

CLOT, Yves. La otra ilusión biográfica. **Acta sociológica**. n. 56, p. 129-134, sep./dec. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unam.mx/index.php/ras/article/view/29461>. Acesso em: 12 jul. 2020.

COSTA, Patrícia C. Auto-hermenêutica em entrevistas autobiográficas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, p. 75-88, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2522>. Acesso em: 13 jul. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 13 jul. 2020.

DOMINGO, José C. Relatos de experiencia, en busca de un saber pedagógico. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000042.pdf> >. Acesso em: 17 jul. 2020.

SIMÃO, Ana Margarida Veiga; FRISON, Lourdes Maria Bragnolo. Histórias de vida em pesquisa (auto)

biográfica: circuito que inclui tempos, lugares e autorregulação da aprendizagem. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 05, n.

13, p. 71-90, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7508>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Recebido em: 29/09/2020

Revisado em: 14/12/2020

Aprovado em: 16/12/2020

Patrícia Claudia da Costa é mestra e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente da área de Fundamentos da Educação na Universidade Federal de Viçosa (UFV) *Campus Florestal* (CAF). *E-mail*: patricia.claudia@ufv.br